



RANSOM RIGGS



CIDADE SEM ALMA

==== O SEGUNDO LIVRO ====

DAS CRIANÇAS PECULIARES

DA

— SENHORA PEREGRINE —

Tradução de
RITA CANAS MENDES



BERTRAND EDITORA
Lisboa 2015



CAPÍTULO 1





Saímos do porto a remo, passando por barcos oscilantes com ferrugem a desprender-se das juntas, por júris de aves marinhas silenciosas empoleiradas nos destroços de docas afundadas, cheios de lapas, por pescadores que baixavam as suas redes e nos olhavam de modo gélido enquanto nos cruzávamos com eles, sem sabermos se éramos reais ou fruto da sua imaginação; uma procissão de fantasmas navegantes, ou prestes a serem fantasmas. Éramos dez crianças e um pássaro em três pequenos e instáveis barcos, remando com uma intensidade silenciosa rumo ao mar, deixando rapidamente para trás de nós o único porto seguro em muitas milhas, rochoso e mágico à luz azul-dourada da aurora. O nosso objetivo, a costa montanhosa de Gales continental, ficava algures diante de nós, mas só o víamos de forma ténue, uma mancha indistinta colada ao horizonte distante.

Passámos pelo velho farol, tranquilo àquela distância, que na noite anterior fora palco de tantos traumas. Fora ali que, com bombas a explodir à nossa volta, quase nos afogáramos, que quase havíamos sido trespassados por balas; fora ali que eu pegara numa arma, puxara o gatilho e matara um homem, um ato que ainda me era incompreensível; fora ali que perdêramos a senhora Peregrine e que a havíamos recuperado novamente – resgatada das mandíbulas de aço de um submarino –, embora a senhora Peregrine que nos foi devolvida estivesse ferida, a precisar de ajuda que não sabíamos como dar-lhe. Agora ela estava empoleirada na popa do nosso barco, contemplando o desaparecimento do santuário que tinha criado, cada vez mais longínquo a cada remada.

Por fim, passámos o quebra-mar e entrámos no vasto mar aberto, com a superfície vítrea da água do porto a dar lugar a pequenas ondas que batiam contra os lados dos nossos barcos. Ouvi um avião a atravessar as nuvens bem acima de nós e deixei arrastar os meus remos, de cabeça para trás olhando para o alto, fascinado com a imagem do que seria a nossa pequena armada vista lá do cima: este mundo que eu



escolhera, e tudo o que nele tinha, e todas as nossas preciosas vidas peculiares, estava contido nestas três lascas de madeira a vogar em pleno mar, amplo e inabalável.

Céus.



Os nossos barcos deslizaram facilmente através das ondas, os três lado a lado, com uma corrente a levar-nos na direção da costa. Remávamos por turnos, pegando nos remos à vez para evitar a exaustão, embora eu me sentisse tão forte que, durante quase uma hora, me recusei a largá-los. Fiquei absorto no ritmo das remadas, com os braços a desenhar grandes elipses no ar como se estivesse a puxar na minha direção algo que se recusava a vir. O Hugh manejava os remos voltado para mim, e atrás dele, na proa, com os olhos ocultos pela aba de um chapéu de verão, estava a Emma, sentada com a cabeça para baixo, olhando para o mapa que tinha aberto sobre os joelhos. De vez em quando, levantava o olhar do mapa para observar o horizonte, e a mera visão do seu rosto ao sol dava-me uma energia que eu não sabia que tinha.

Senti que podia remar para todo o sempre, até que o Horace gritou de um dos outros barcos para perguntar que distância ainda nos separava da costa, e a Emma voltou a semicerrar os olhos na direção da ilha e depois de novo para o mapa, tirando medidas com os dedos abertos, e calculou, com alguma dúvida na voz: «Sete quilómetros?» Nessa altura, o Millard, que também seguia no nosso barco, murmurou-lhe algo ao ouvido e ela franziu o sobrolho, virou o mapa de lado, voltou a franzir o sobrolho e depois corrigiu: «Isto é, oito e meio.» Quando as palavras lhe saíram da boca, dei por mim – e por todos os outros – a esmorecer um pouco.

Oito quilómetros e meio: uma viagem que teria levado uma hora no *ferry* enjoativo que me tinha trazido a Cairnholm há umas semanas. Uma distância que um barco a motor de qualquer tamanho percorreria com facilidade. Menos um quilómetro e meio do que aquilo que os meus tios em baixo de forma corriam nalguns fins de semana para ações de beneficência, e apenas mais alguns do que os que a minha mãe se gabava de fazer nas aulas de máquina de remo no seu ginásio sofisticado. Porém,

o *ferry* entre a ilha e o continente só começaria a funcionar dali a trinta anos, e as máquinas de remo não incluíam outros passageiros e bagagem, nem requeriam ajustes permanentes da rota para manter a direção correta. Pior ainda, a extensão de água que estávamos a atravessar era traiçoeira, conhecida por engolir navios: oito quilômetros e meio de um mar temperamental e instável, com o fundo cheio de destroços e ossadas de marinheiros cada vez mais cobertos de algas. E à espreita, na escuridão insondável, os nossos inimigos.

Aqueles que de nós se preocupavam com tais coisas presumiam que havia errantes por perto, algures debaixo de nós, naquele submarino alemão, à espera. Se eles ainda não sabiam que tínhamos saído da ilha, em breve descobririam. Eles não se tinham dado ao trabalho de raptar a senhora Peregrine para depois desistirem à primeira tentativa falhada. Os navios de guerra que avançavam como centopeias ao longe e os aviões britânicos que se mantinham vigilantes lá no alto tornavam demasiado perigoso o submarino emergir em plena luz do dia, mas ao anoitecer seríamos presas fáceis. Eles viriam atrás de nós, levariam a senhora Peregrine e afundariam os restantes. Portanto, remávamos, sendo essa a nossa única esperança de alcançar o continente antes de a noite cair sobre nós.



Remámos até nos doerem os braços e termos os ombros feitos num nó. Remámos até que a brisa matinal amainou e os raios de sol nos queimaram como que através de uma lupa, e o suor se nos acumulou nos colarinhos. Apercebi-me de que ninguém tinha pensado em trazer água doce, e que o protetor solar em 1940 significava ficar à sombra. Remámos até que a pele das palmas das nossas mãos se esfacelou e tivemos a certeza de que não conseguíamos dar nem mais uma remada, mas depois demo-la, e depois outra, e outra.

– Estás a suar em bica – frisou a Emma. – Deixa-me tentar pegar nos remos antes que derretas.

A sua voz tirou-me subitamente do entorpecimento. Assenti, grato, e deixei que ela passasse para o meu banco, mas vinte minutos depois pedi o assento de volta. Não gostei dos pensamentos que me vieram à

Ao fim de três horas a remar como escravos nas galés, a distância tinha encolhido a ilha até ao tamanho de uma mão aberta. Não se parecia nada com a fortaleza aziaga de penhascos que eu vira pela primeira vez umas semanas antes; agora parecia frágil, um pedaço de rocha em risco de ser levado pelas ondas.

– Olhem! – gritou o Enoch, erguendo-se no barco ao lado do nosso. – Está a desaparecer! – Um nevoeiro spectral envolveu a ilha, ocultando-a da vista, e parámos de remar para a vermos sumir-se.

– Digam adeus à nossa ilha – disse a Emma, levantando-se e tirando o seu grande chapéu. – Podemos nunca mais voltar a vê-la.

– Adeus, ilha – despediu-se o Hugh. – Foste muito boa para nós.

O Horace pousou o seu remo e acenou.

– Adeus, casa. Vou ter saudades de todas as tuas divisões e dos jardins, mas terei sobretudo saudades da minha cama.

– Até sempre, vórtice. – A Olive fungou. – Obrigada por nos teres mantido em segurança todos estes anos.

– Foram bons anos... – reconheceu a Bronwyn. – Os melhores da minha vida.

Também eu me despedi em silêncio de um local que me tinha mudado para sempre – e o local que, mais do que qualquer cemitério, conteria a memória, e o mistério, do meu avô. Eles estavam inexoravelmente ligados, ele e aquela ilha, e eu perguntava-me, agora que ambos tinham desaparecido, se algum dia compreenderia o que me tinha acontecido: aquilo em que me tornara, em que me estava a tornar. Eu tinha ido à ilha para resolver o mistério do meu avô e, ao fazê-lo, tinha descoberto o meu. Ver Cairnholm desaparecer era como ver a única chave do mistério afundar-se sob as ondas escuras.

E então a ilha desapareceu simplesmente, engolida por uma montanha de nevoeiro.

Como se nunca tivesse existido.



Algum tempo depois, o nevoeiro apanhou-nos. Pouco a pouco, fomos ficando sem ver nada, com a costa a desvanecer-se e o sol a transformar-se num botão branco-pálido, e andámos aos círculos no turbilhão da maré até termos perdido completamente o rumo. Por fim, parámos, pousámos

os remos e esperámos naquele marasmo silencioso, aguardando que o nevoeiro se dissipasse; até lá, de nada valia continuar.

– Não gosto disto – disse a Bronwyn. – Se a gente esperar demasiado, anoitecerá e teremos de nos haver com coisas piores do que o mau tempo.

Nessa altura, como se o mau tempo tivesse ouvido as suas palavras e decidido pôr-nos no nosso lugar, piorou *a sério*. Levantou-se um vento forte e, instantes depois, o nosso mundo transformou-se por completo. O mar à nossa volta, revoltado, ganhou ondas orladas a espuma branca que embatiam nos cascos e entravam nos barcos, atirando-nos água fria para os pés. Depois veio a chuva, atingindo-nos a pele como se os pingos fossem pequenas balas. Em menos de nada estávamos a ser sacudidos como brinquedos de borracha numa banheira.

– Voltem-se para as ondas – gritou a Bronwyn, cortando a água com os seus remos. – Se elas nos apanham de lado, viram-nos o barco de certeza! – Mas a maioria de nós estava demasiado exausta para remar em águas calmas, quanto mais num mar insurreto, e os outros estavam tão assustados que não conseguiam sequer alcançar os remos, pelo que nos agarrámos às bordas dos barcos como se a nossa vida dependesse disso.

Uma parede de água veio mesmo na nossa direção. Subimos a onda enorme, com os barcos a ficarem quase verticais sob os nossos pés. A Emma agarrou-se a mim e eu agarrei-me à borda; atrás de nós, o Hugh agarrou-se ao assento com os braços. Atingimos o cimo da onda como numa montanha russa, com o estômago a descer-me até às pernas, e, quando descemos a pique, tudo no nosso barco que não estava pregado – o mapa da Emma, o saco do Hugh, a mala de rodinhas encarnada que eu tinha arrastado comigo desde a Florida – voou por cima das nossas cabeças e foi parar à água.

Não havia tempo para nos preocuparmos com o que se tinha perdido, porque inicialmente nem sequer conseguíamos ver os outros barcos. Quando recuperámos o equilíbrio, semicerrámos os olhos na direção do furacão e gritámos os nomes dos nossos amigos. Seguiu-se um terrível momento de silêncio antes de ouvirmos vozes a chamarem-nos de volta, e o barco do Enoch apareceu no meio da bruma, com os quatro passageiros a bordo, acenando com os braços.

– Vocês estão bem? – gritei.

Levantou-se, com o barco oscilante, e apontou para a tempestade. – Ali!
– gritou ela. – Veem?

Protegi os olhos da chuva cortante e procurei-a, mas só via ondas e nevoeiro.

– Não vejo nada!

– Ela está ali! – insistia a Bronwyn. – A corda!

Nessa altura, vi aquilo para que ela apontava: não uma rapariga a esbracejar na água, mas um pedaço grosso de cânhamo entrançado que se erguia a partir da superfície, quase invisível no meio daquele caos. Uma corda castanha esticada partia da água e subia até desaparecer no nevoeiro. A Olive devia estar presa à outra ponta, sem que a avistássemos.

Remámos até à corda, a Bronwyn puxou-a para baixo e, ao fim de um minuto, a Olive apareceu no meio do nevoeiro por cima das nossas cabeças, com a outra ponta da corda atada à sua cintura. Os sapatos da Olive tinham-lhe saído dos pés quando o seu barco se virara, mas a Bronwyn já a tinha atado à corda da âncora, que agora estava no fundo do mar. Caso contrário, por esta altura, ela estaria perdida nas nuvens.

A Olive lançou-se ao pescoço da Bronwyn e balbuciou:

– Salvaste-me! Salvaste-me!

As duas abraçaram-se. Vê-las deu-me um aperto na garganta.

– A gente ainda não está fora de perigo – disse a Bronwyn. – Temos de alcançar a costa antes de anoitecer, ou isto será apenas o começo dos nossos problemas.



A tempestade amainara um pouco e as violentas sacudidelas do mar tinham esmorecido, mas a ideia de dar mais uma remada que fosse, mesmo num mar totalmente calmo, era agora impensável. Ainda não tínhamos percorrido metade do caminho até ao continente e já estávamos irremediavelmente exaustos. As minhas mãos latejavam. Os meus braços estavam pesados como troncos de árvore. Não só isso, mas o incessante abanar diagonal do barco estava a ter um claro efeito no meu estômago – e, a julgar pelas cores esverdeadas nos rostos à minha volta, eu não era o único.

– Para mim é quanto basta! – disse a Bronwyn. Enquanto o resto de nós se agarrava ao estômago e se dobrava sobre si inutilmente nos bancos, ela trepou para o barco da frente, pegou nos remos e começou a remar, guiada apenas pela ténue voz da Olive, um anjo invisível nas alturas.

– Esquerda... mais para a esquerda... não tanto!

E foi assim que, muito lentamente, nos dirigimos para terra, tendo sempre o nevoeiro no nosso encaço, com os seus fiapos cinzentos, quais dedos da mão de um fantasma, sempre a tentar engolir-nos de volta.

Como se a própria ilha também não nos quisesse deixar partir.